DIPLOMACIA

Encontro a três na China

À margem de uma reunião de cúpula regional, o presidente Xi Jinping recebe os colegas Donald Trump e Vladimir Putin. As três potências exploram caminhos para a convivência em meio aos conflitos na Ucrânia e no Irã

» SILVIO QUEIROZ

Iori Sagisawa/Pool/AFP



Ao lado do colega norte-americano e da primeira-dama, o anfitrião recebe o visitante da Rússia: trilateral pioneira sinaliza nova etapa nas relações geopolíticas

A ideia era de um encontro breve, de uma hora ou pouco mais, em Shenzhen, no sul da China, à margem da reunião de líderes do fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec). Mesmo assim, as atenções do mundo se voltavam ontem para a cúpula trilateral entre o anfitrião, Xi Jinping, e os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da Rússia, Vladimir Putin. Horas antes de se sentarem à mesa, na tarde de hoje (3h30, em Brasília), os governantes das três potências trocaram os primeiros apertos de mão e amabilidades.

Xi foi pessoalmente receber o presidente dos EUA ao pé da pista, deferência extremamente rara para um presidente chinês, com a qual devolveu a cortesia a Trump, que fez gesto similar em setembro, em Washington. Após descer as escadas do Air Force One, o visitante cumprimentou cordialmente o colega, e chegou a pousar brevemente o braço sobre seu ombro.

"Espero com interesse manter um intercâmbio profundo de opiniões com você, com o objetivo de promover uma relação construtiva e estrategicamente estável entre nossas duas nações", disse o presidente chinês ao visitante, segundo a imprensa estatal. "Uma relação baseada nos fundamentos do respeito mútuo, na equidade e na reciprocidade."

A inédita reunião a três foi construída em um contexto de múltiplas crises internacionais. Os resultados serão estudados atentamente pela Ucrânia, pelos países europeus e por Taiwan, que temem ficar à margem de eventuais acordos entre as potências. O regime comunista de Pequim antecipou apenas que os líderes manteriam "intercâmbios em profundidade sobre a salvaguarda da paz mundial e a promoção da estabilidade estratégica nas relações entre as grandes potências".

Putin, que havia desembarcado antes em Shenzhen, almoçou e conversou por mais de duas horas com o anfitrião. "Em um momento em que os riscos políticos-militares aumentam, o que se necessita, desesperadamente, é de unidade, em vez de divisão, e diálogo, em vez de ultimatos", afirmou o presidente russo a empresários presentes para a cúpula da Apec.

Jogo de espera

O professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, vê na reunião inédita um sinal da nova etapa no jogo de forças geopolítico. "O encontro é extremamente significativo, porque demonstra a centralidade da competição entre grandes potências na política internacional", disse ao **Correio**.

Na avaliação do estudioso, os três líderes tratam de "administrar algumas de suas divergências e identificar interesses comuns, especialmente nas questões nucleares e nos conflitos em andamento".

Rudzit não vê na trilateral, porém, o esboço de uma nova ordem global em formação. "Uma ordem internacional exige mais do que acordos entre dirigentes: pressupõe regras, instituições, compromissos e, principalmente, disposição das potências para sustentá-la. Atualmente, não existe esse consenso", pondera. "Não devemos confundir uma reunião entre as três maiores potências militares com a existência de objetivos estratégicos compartilhados: EUA, China e Rússia têm interesses distintos e, em muitos casos, conflitantes."

Para o professor da ESPM, o encontro tem "um significado político maior que eventuais resultados concretos", em especial no que diz respeito aos conflitos em andamento. "A guerra na Ucrânia envolve questões territoriais, de segurança e de soberania que não podem ser resolvidas simplesmente por um entendimento entre Washington, Moscou e Pequim", observa. Rudzit vê "a possibilidade de uma discussão mais direta" sobre o Irã, mas lembra que as três potências "têm interesses distintos quanto ao futuro equilíbrio de poder no Oriente Médio".

> **Não devemos confundir uma reunião entre as três maiores potências militares com a existência de objetivos estratégicos compartilhados"**
>
> ***Gunther Rudzit,*** *professor de relações internacionais da ESPM*

O encontro de Shenzhen representa, para o especialista, "uma tentativa de administrar a desordem atual, mais do que o nascimento de uma nova ordem internacional". Ele lembra que as três potências estão longe de um consenso em torno das questões centrais da agenda global. "A China procura ampliar sua influência, a Rússia questiona elementos fundamentais da ordem existente e os próprios EUA vêm modificando sua relação com as instituições e os compromissos internacionais que ajudaram a construir", aponta. "No máximo, a reunião poderá abrir possibilidades para novas negociações, mas não devemos confundir uma iniciativa diplomática com a resolução de conflitos."

ESTADOS UNIDOS

Jeffries pode se tornar primeiro negro a liderar a Câmara

» RODRIGO CRAVEIRO

Saul Loeb/AFP



O democrata Hakeem Jeffries prometeu investigar Donald Trump

Charly Triballeau/AFP



A indígena Mary Peltola conquistou cadeira do Senado pelo Alasca

Depois de reconquistarem a maioria nas duas casas do Capitólio, os democratas escolheram Hakeem Jeffries, 56 anos, como candidato para disputar a Presidência da Câmara dos Representantes em 3 de janeiro. Antes mesmo de se tornar o presidente da Câmara, o líder da bancada democrata prometeu "investigações profundas" sobre Donald Trump. "Vamos lutar para garantir que, diante da corrupção, do caos e da crueldade sem precedentes que o povo americano enfrenta, os democratas da Câmara dos Representantes responsabilizem os corruptos, não por motivos partidários, mas por motivos patrióticos", declarou Jeffries, sem citar diretamente o presidente dos Estados Unidos. O Partido Democrata obteve 257 dos 435 assentos da Câmara, enquanto os republicanos conquistaram 171. No Senado, ele terá 56 das 100 cadeiras. A última vitória política dos democratas ocorreu no Alasca, na terça-feira, com a eleição de Mary Peltola, 53 anos, para o Senado.

Professor da Faculdade de Gestão Política da Universidade George Washington (sediada na capital, Washington), Todd L. Belt lembrou ao **Correio** que o cargo de presidente da Câmara é o segundo mais poderoso no governo dos EUA. Ele destacou que não houve políticos negros no alto escalão do establishment desde 2013, quando Barack Obama deixou a Casa Branca. Belt aposta que, sob o comando de Jeffries, a Câmara investigará ações do governo Trump e, talvez, alguns integrantes da família do republicano. "Mas eu não espero um processo de impeachment. Os democratas sabem que não têm votos necessários para destituir Trump. Seria um esforço inútil", disse. "Outros confrontos podem surgir em torno dos projetos de lei de dotação orçamentária, que precisam ser aprovados para financiar o governo. Podemos ter uma nova rodada de paralisações das atividades governamentais."

Charles H. Stewart III, professor de ciência política do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), considera importante a provável confirmação de Jeffries para a Presidência da Câmara. "Principalmente pela longa história de lutas pelos direitos civis e pelos direitos dos afroamericanos. É claro que também cabe ressaltar que legislaturas estaduais por todo o país elegeram líderes legislativos afroamericanos; contudo, é de grande relevância quando o Legislativo nacional faz o mesmo", disse ao **Correio**.

Ele acredita que Jeffries experimentará um período de "lua de mel" dentro de sua bancada. "Na posição de presidente da Câmara, terá que caminhar na corda bamba. A bancada democrata abriga alas de esquerda e de centro, e também está dividida quanto às prioridades a serem seguidas, ainda que haja consenso sobre as políticas em si. Lidar com as diferentes facções dentro da bancada exigirá certa habilidade", explicou Stewart. De acordo com o estudioso do MIT, a postura a ser adotada em relação a Trump será fundamental, e o período até 3 de janeiro, data da posse do Congresso, servirá para a definição dessa estratégia. "A opinião pública não deseja um confronto com Trump apenas por confrontar. Os democratas, sob a batuta de Jeffries, precisarão garantir que eventuais conflitos estejam diretamente ligados às principais preocupações da população, como o custo de vida e a corrupção."

Sobre um eventual impeachment de Trump, o julgamento político será conduzido pelo Senado. "Suspeito que Jeffries trabalhará para que qualquer ataque direto a Trump, por meio de um processo de impeachment, tramite lentamente. Tanto porque a opinião pública está dividida quanto à conveniência de o Congresso buscar o impeachment, quanto porque as duas últimas tentativas do Legislativo nesse sentido não tiveram bom desfecho", concluiu o professor do MIT.

Alasca

Logo depois de conquistar a última cadeira em disputa no Senado e derrotar o republicano Dan Sullivan, no Alasca, a indígena Mary Peltola deu uma pista de como será o seu mandato. "Como a próxima senadora dos Estados Unidos, vou enfrentar quem for preciso para combater o sistema manipulado de Washington e entregar resultados para as famílias trabalhadoras do Alasca", declarou, por meio de comunicado. "Não há honra maior do que contar com o apoio dos moradores do Alasca em nossa luta contra a ganância corporativa, para reduzir os custos e colocar o Alasca em primeiro lugar."